

# Carta ao Sr. Antónia Sérgio

Meu velho amigo:

Permita-me, em primeiro lugar, que o trate com a amigável consideração que nos costumam merecer as pessoas que embalaram a nossa mentalidade intelectual e a quem muito julgamos dever. Eu, de resto, me coloco entre aqueles «aprendizes de filósofos» a que, com particular insistência, se vem dirigindo ultimamente.

Queira ver nas pequenas considerações que lhe submeto, uma audácia dessa juventude que pelo muito que preza certa disciplina do espírito (em que o meu caro Sérgio lhe ensinou a ver mais do que um método—a própria dignidade do pensamento) dá margem a que lhe desculpem as arremetidas de cavaleiro andante. Demais, a nossa pouca experiência no trato de problemas complexos, a ingénua concepção de valores que nos habilita, justificam bem que vejamos o fácil onde se encontra o complicado, e cheguemos, no desvaio dos neófitos, a ver o astro-rei na extremidade luminosa dum perillampo.

O assunto das máximas dúvidas é, numa palavra, a parte final do artigo que o António Sérgio acaba de publicar, na «Revista de Portugal», acerca de Antero.

Para melhor elucidação, transcrevamos uma passagem de entre as diversas que suscitam os nossos reparos:

«...quem suponha que as ideias são «reflexos das coisas no nosso cérebro» não pode admitir ao mesmo tempo que as ideias reajam sobre as coisas, não pode conceber uma acção recíproca entre a consciência e o ambiente físico, entre o ser inteligente e o corpo social. Aceitar essa acção recíproca—como faz o chamado «materialismo dialéctico»—é reconhecer a eficácia das ideias, e reconhecer a eficácia das ideias é afirmar que elas não são reflexos, e megat a doutrina do materialismo...»

Ora, ainda recentemente afirmava o meu caro «filósofo»: «Todos os argumentos são por mim conhecidos... e para todos os argumentos tenho eu as respostas...». Seria portanto supérfluo e impertinente pretender agora discutir consigo este assunto; o que me ocupa a atenção é a estrutura lógica das suas afirmações, naquelas conseqüências que acarreta para o espírito crítico e para a mestria metodológica que tanto lhe admiro. Mas, mesmo assim, parece rematada loucura a gente expôr as suas dúvidas quando um Moloch, feito de todos os argumentos possíveis, nos ameaça triturar com as «fichas» omnipotentes dum arquivo mental...

Entretanto, que os deuses benéficos me protejam no restante da caminhada. Porque dizer que a eficácia das ideias é contraditória da sua definição como reflexos e que, por isso, certos bandidos do pensamento, os tais «dialécticos», caíram no absurdo ao afirmar «uma acção recíproca entre a consciência e o ambiente físico, entre o ser inteligente e o corpo social?» Se bem interpreto o pensamento do meu caro Sérgio, as ideias não poderiam ser reflexos das coisas, uma vez que as considerassemos eficazes, porque seria inconcebível que, modificando-se as coisas sob a acção das ideias, estas fôssem um reflexo,—uma conseqüência—, da própria modificação das coisas, de que são um agente, uma causa. Por outras palavras: se a acção de a modifica b, como dizer que a modificação de b foi a causa da anterior acção de a sobre b?...

Se bem interpreto o seu pensamento, como disse, era esta a resposta que daria à natural pergunta que surge após a sua afirmação. Partindo agora, por comodidade de exposição, da hipótese de que não interpreto convenientemente o desenrolar do seu raciocínio, deixe-me perguntar-lhe:

—Alcasso ésses filósofos mal-fadados, a que se refere, não teriam concebido a eficácia das ideias como determinada e limitada pelo próprio desenrolar dialéctico das coisas, como uma das condições desse movimento dialéctico?

«O materialismo dialéctico—diz o psicólogo Komilov—afirma que o ser não se reflecte na consciência como as coisas nos espelhos: que os citados reflexos têm um carácter subjectivo, determinado pela estrutura do mecanismo perceptivo». «O materialismo—afirma E.—não procura reduzir

todos os fenómenos psíquicos ao movimento da matéria. Para o materialista, a sensação e o pensamento, a consciência, constituem um estado interno da matéria em movimento». Mas vejamos ainda estas palavras do citado psicólogo: «O m. d. considera o processo universal como um todo único, no qual a natureza inorgânica, orgânica e super-orgânica, o que quer dizer, a sociedade humana, representam cada uma diferentes formas qualitativas de expressão dum processo único. Neste processo, a conduta de cada individualidade, ainda que se encontre, naturalmente, determinada por condições sociais e económicas, tem importância na vida social, porquanto cada pessoa é um elo necessário na cadeia dos acontecimentos históricos».

Como o meu velho amigo deve verificar, o problema é aqui posto de maneira diferente daquela em que o colocou. As ideias aparecem aqui, não como o trabalho-fantasia de certos princípios lógicos no trapézio da especulação, não como o «clou» de cartaz na exhibição deste fim duma cultura—mas como funções dos processos fisiológicos dum ser que vive, que adquire experiência e razão, que toma conhecimento cada vez mais lato do mundo e da vida; e funções cujo conhecimento se lhe apresenta sob o ângulo particularíssimo do subjectivo e do objectivo conjugados. A eficácia das ideias será assim determinada por peculiares processos de recepção, pelas condições da evolução do corpo social, pelas leis dialécticas do ambiente físico—numa palavra: as propriedades das ideias são determinadas pelas propriedades do ser, entre as quais avulta o movimento dialéctico do todo.

Já vê o meu velho amigo como aquela acção de a sobre b, sendo eficaz, era contudo determinada pelas condições que definiam a existência e o movimento de b e era, de resto, uma das propriedades, embora singular, do ser. O engano deve portanto encontrar-se no facto de o António Sérgio apresentar como dados do problema as concepções do materialismo mecanista para atribuir a solução ao dialéctico; em não distinguir um do outro, o que, ao contrário do que afirma, de alguma coisa «serviria distinguir».

Repto-lhe que não venho antepôr à sua tese esta outra: o que pretendia recordar-lhe é que se tratava dum assunto demasiado complexo e fundamental, para que se caia nas simplificações bru-

tais em que caem, segundo o António Sérgio, a grande parte dos divulgadores... Ah! Que belas palavras o meu velho amigo nos disse sobre a divulgação!

...Mas continuemos a transcrição das suas expressões:

«...a noção de dialéctica é incompatível com a de materialismo. O «materialismo dialéctico» não afirma que a dialéctica é material, mas que a materialidade é dialéctica: ora, dizer que o desenvolvimento da realidade se leva a efeito dialécticamente é dizer que a marcha da realidade se pauta pela margem das ideias, que a cadeia dos fenómenos reproduz a cadeia dos pensamentos—e sustentar, por conseqüência, uma doutrina idealista».

Por um lado parece-me que aquele «reproduz» só confirma que o meu velho amigo sobrepõe a uma concepção dinâmica, que pretende interpretar, a sua concepção estática; por outro lado... porque não afirmar, pelo contrário, que a «cadeia dos fenómenos» determina a «cadeia dos pensamentos»? As premissas do problema que nos propõe, tanto para aquela conclusão... é conforme o gosto crítico. Simplesmente, me parece que o meu caro Sérgio, segundo as suas palavras, «todo crítica, da cabeça aos pés», nesta particular questão coloca a cabeça onde deveria colocar os pés. E' possível que tudo isto seja a conseqüência de o cegar a perfeita clareza do seu raciocínio, de o seu lúcido espírito crítico se ter dogmatizado demasiadamente, e que tudo consista afinal em não nos ter dado as suas verdadeiras razões.

Já agora, para terminar, deixe-me perguntar-lhe, para melhor compreensão do texto que nos cita de Antero, se não serão aquelas «ideias iminentes» pelas quais «exclusivamente se governa o universo, «análogo no fundo ao espírito», o contraste vivo da reprodução da «cadeia dos pensamentos», na «cadeia dos fenómenos»? Ou então diga o meu velho amigo como concebe que a evolução e a razão, segundo Antero com raízes comuns, possam reproduzir-se uma na outra?

Meu velho amigo:—não tente cortar as raízes da razão, porque ela—coitada!—, tão isoladinha como ficaria lá «na plenitude do ser e ideal perfeição», era bem capaz de se dedicar a vícios da adolescência...

Cordealmente

JOFRE AMARAL NOGUEIRA